



O Gaiato

17 DE MARÇO DE 1973
ANO XXX — N.º 757 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

A Habitação

Folgamos! Recortes de jornais trazem-nos testemunho de inquietação sobre este problema.

Não folgamos porque o problema existe, é claro! Mas já que sim, ainda bem que é encarado e proposto, pois não é mergulhando a cabeça à guisa de avestruz que se resolve nada; antes a solução virá de uma inquietação generalizada que fira as consciências e mova as vontades à peleja deste «bom combate».

Um recorte conta-nos um caso e tira a lição universal, com cabeça e pés bem assentes, sem qualquer violentação das premissas. Ei-lo:

«Um jornaleiro de sessenta anos foi agredido e atirado às águas de um ribeiro ao ser surpreendido pelos vizinhos a abusar da sua própria filha. O drama ocorreu recentemente no lugar da ribeira das Lajes, arredores de Oeiras, e Vilas Boas, de seu nome, ficou internado sob prisão no Hospital de S. José.

Agora, o tribunal da comarca encarregar-se-á de julgar o grau de criminalidade do seu acto. Mas com a condenação deste pai imoral não se extinguirão as condutas para outros casos Vilas-Boas, pois enquanto existirem barracas onde pais, filhas e irmãos coabitam na mais desumana promiscuidade o processo não cessará.

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA



O conjunto artístico da Comunidade de Paço de Sousa — numa ribalta nortenha.

LOURENÇO MARQUES

Que me perdoem todos os interessados nesta nossa Casa, a ausência das páginas de «O Gaiato». Se houvesse justificações aceitáveis, para além das minhas limitações e fraquezas, dir-lhes-ia que foi devido aos problemas que nos atormentaram nestes últimos tempos, que a pouco e pouco se têm sanado. Contas que não são de trazer para aqui, mas que afinal são da sociedade que nos rodeia, onde encontramos amizades límpidas que estimulam e apoiam, a ombrear com cutras sujas e malélicas que muito nos prejudicam. Trabalhamos «na imensa seara do trigo e do joio», como disse Pai Américo.

Se estendemos a mão à caridade porque o sentido de justiça social deturpou, vamos até ao recurso da justiça civil, quando os nossos direitos mais elementares são torpedeados. Males sociais que nos atingem! Se não trabalhássemos por amor aos homens apoiados no amor a Deus, descreíamos da valia do nosso esforço.

Não pretendemos desentortar o que está torto, mas também não consentimos que nos entortem a nós ou àqueles que nos estão confiados.

O calor da amizade de tantos presentes pelo Natal e Ano-Novo na vida desta Casa, se nos remediaram situações materiais de vulto, não eliminaram o desconforto dos problemas morais, que todavia

tomamos da Providência, para um remoçar do espírito. Deus escreve direito por linhas tortas — mas que tortas!

Com a utilização em pleno das novas instalações da Aldeia, o aproveitamento dos rapazes está a melhorar consideravelmente e mal possamos desembaraçar-nos ou quase de encargos materiais que neste momento ainda vão a trezentos contos, iniciaremos a construção da nova casa de dois pisos para cinquenta leitos e de seguida a Capela, para que lado a lado, Criador e criaturas tenham lugar condigno de culto — de culto sim, não é heresia. Tudo o que fazemos aos mais pequeninos é

nosso coração traz levantado em prece. Nós somos as pedras vivas da realização menos tangível, mas mais verdadeira, do templo ao Deus vivo.

Vão chegar do Liunde, entregues por uma acção conjunta dos Tribunais de Leiria e Quelimane, dois pequeninos, irmãos de ventre e infortúnio. Um a fazer três e outro quatro anos em Maio. São rosas brancas da montureira. Rosas que vão desabrochar na nossa mão, em esperança e certeza num mundo melhor.

Padre José Maria

A Tia Teresa está muito mal.

Há 9 anos connosco, não tardará a morte. Com ela morremos um pouco, como um pouco morremos quando o Pai chama algum dos nossos a Si.

O Calvário é sinal de contradição. Como havia de não ser, se Cristo o é!

Sofremos só em pensar que a Tia Teresa vai partir.

CAL
VÁRIO

Já sentimos um pedaço de alma a sangrar e ainda está connosco.

Para nós é o fim; para ela o princípio duma nova vida.

Mas Tia Teresa, afinal, até nos dava e dá tanto trabalho!...

O que ela nos custou com suas crises! Quantas marcas deixou nas pessoas que dela trataram!: quantas mordedelas..., quantas pancadas..., quanto puxar de cabelo..., quantos insultos e coisas atiradas às pessoas e paredes..., quantas noites de vigia...!

Continua na 4.ª página

FESTAS

Quando o jornal andar na rua, também nós andamos — nós, os festeiros da zona norte. O pior está passado: a preparação.

Depois, são três semanas intensas, é verdade, mas cheias de compensações e alegrias.

Se não houvera mais que nos reclamasse — e porventura na linha mais essencial da nossa missão — não se me dava destes dias! Quando os rapazes se compenetraram da seriedade deste trabalho e correspondem, são horas plenas de fraternidade e camaradagem entre todos nós, coroadas pelo carinho, que esse é certíssimo da vossa parte, leitores, que sois também espectadores activos destas nossas jornadas.

A fase mais dura esperam-na agora os do Centro e do Sul, que hão-de aparecer à luz da ribalta em fins de Abril e Maio.

Dissemos, a seu tempo, de como hesitámos na realização da Festa este ano e de como foram os Rapazes mais velhos que decidiram em plebiscito Posso agora adiantar, embora

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

CONTEMPLANDO A NATUREZA

*Em Nome de Deus começo
Pai, Filho, Espírito Santo,
Passo hoje a contemplar
Os elementos do campo.*

*Há cinco coisas no campo
Que me despertam deleite:
É o cedro, o trigo e o linho,
As uvas e o azeite.*

*Era de linho essa Túnica
Que a Virgem fez a Jesus
Era de cedro o madeiro
Que recebeu Cristo na Cruz.*

*O trigo dá a farinha,
Da farinha vem o pão,
Transformado em Jesus Cristo
Depois da Consagração.*

*Da videira são as uvas.
Das uvas fazem o vinho,
Que depois de consagrado
Se torna Sangue Divino.*

*Da oliveira vem o azeite
Que faz essa meiga luz,
Que sempre de noite e dia,
Faz companhia a Jesus.*

*Quem me dera ter a dita
Que tem o pano do linho:
Estava sempre no Altar
Servindo de Sanguinho.*

*Oh! elementos do campo,
Grande foi vosso destino:
Tão de perto andais ligados
A Jesus, Verbo Divino.*

Uma Doente do Calvário

Mas talvez a permitisse. Assim aconteceu. Outro, qualificado em construção civil, avaliou as necessidades. Riscou. Encomendou materiais. E um grupo prontificou-se a fazer o trabalho aos domingos, com a promessa de carpinteiro visinho.

A cabeceira da cama deste Pobre é paredes-meias com uma corte de porcos! Às vezes, o esgoto fazia sala no quarto!! Por isso, houve primeiro que betonar a parede — pela mão do Abílio, com a ajuda do Mota.

A obra continua na próxima semana. Será o desterro para soalhar. E Serafim ajudará com o tractor, como já fora por outros materiais.

SOTERRADOS! — No fim do trabalho domingueiro, viemos por casa doutro. Em ruínas. Um grande perigo!...

famos por roupas que precisa. Um embrulho delas. E, também, para avaliar da limpeza do cubículo. Estava de vassoura na mão, ocupado! Tinha aluido uma parte de tecto...

Víamos, depois, até ao pátio de entrada, conversar sobre o estado da casa. Entretanto eu lembrava a insegurança do passado. E a previsão concretizou-se! Em fracções de segundo o chão abriu, engoliu-nos. Saímos incólumes! Porém, o dono da casa mais dificilmente — suspenso dos escombros! «Deus põe-nos a mão por baixo» — repetiu vezes sem conta.

Revolvemos os destroços. Procurámos um martelo, pregos, madeira. E deixámos um pátio provisório.

Quisera mandar vir três vigas de betão e respectiva tijoleira. Um troço faria a obra num dia. Os meus

colegas, porém, não consentiram — atendendo à provecta idade do homem e para não contemplarmos herdeiros desconhecidos... «Arranjamos uns tabuões, e uma ripa para o corrimão...». Já lá estão. Foram no tractor. E, assim, vamos remediar melhor o problema.

DONATIVOS — Aí vai a procissão. À frente, o Largo do Priorado, no Porto, com 30\$00. O mesmo da rua da Vilarinha. Mais 20\$00 da assinante 9022. O dobro, também do Porto, das «Velhinhas do costume». Agora, a tradicional e perseverante bolada da «Assinante do Seixal»: Continuamos de mãos dadas, por isso vão 600\$00. Fazem tanto jeito! Infelizmente ainda temos cá, por estas bandas, de mitigar alguma fome... O costume costumado da assinante 17022. Mais 50\$00 de Maria Antunes. O mesmo de Aurora do Porto. Idem, de Figueira de Castelo Rodrigo, que sublinha: «Bem gostaria de mandar mais, muito mais, mas a verba do meu 13.º mês teve de ser muito dividida e assim coube pouco a cada um». Que saborosos, estes 50\$00! Mais 60\$00 do Funchal. Outra migalha da muito amiga assinante 23126. Mais Porto! Hoje é uma procissão tripeira!!! São 50\$00 da assinante 5591. Finalmente, ainda do Porto, 20\$00 da rua das Taipas.

Para todos um muito obrigado dos nossos Pobres.

Os donativos devem ser remetidos em nome da Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

de cargos de responsabilidade na sociedade amanhã. Os chefes de ontem, hoje chefes de família e em desempenho de cargos na sociedade de hoje e de amanhã!...

Quem afirma que isto é simbolismo ou palavras feitas? Foi a vida,



Analidio — chefe da Casa.

sempre caprichosa!, que mais uma vez nos veio pôr a verdade à frente dos olhos!... E para os maus entendedores estas palavras parecem-me já bem claras! Palavras... Factos... Vida!

Rogério



Manuel — subchefe da Casa.

CARAS NOVAS — O ano passado foi para nós um ano de sofrimento constante. Mas a partir de Outubro temos vindo a restabelecer-nos e a alegrarmo-nos com a vinda de novos elementos para nossa Casa. Se me não engano, este grupo de novatos está compreendido entre os 2 e os 13 anos.



Mário — chefe do Lar.

semana. Quando lá chego, porém, deparo sempre com grande quantidade de gente nova. Interrogo um ou outro mais antigo. E recebo respostas entusiásticas: «Eh pá! Este tipo veio para cá tal dia. Mais este, aquele e aquele outro».

Olho-me para dentro e dispero: — Meu Deus, que bom! Vieram para cá como eu. Como me sinto feliz onde estou! De contrário, onde estaria?!... Talvez nalguma taberna, com os meus três irmãos mais velhos. Até que afloram lágrimas aos olhos.



Domingos Barbosa — subchefe do Lar.

Mas, como este mundo não foi feito só para chorar, ia ter com um desses miúdos, abraçava-o e perguntava: — Como te chamas? Onde és? Tens pais?...

Estas perguntas, aliás, são vulgares entre nós.

Quando vêm para cá novatos há que educá-los, dar-lhes uma orientação que lhes permita estar ao mesmo nível dos outros, etc. Claro, nós, os mais velhos, temos obrigação de nos ocupar dessa educação, dessa orientação. A malta nova precisa muito. É pena que alguns dos mais velhos não correspondam... Uma parte deles, quando pequenos, apanharam um período em que a nossa Casa estava no começo. Havia muito que fazer... Eis a razão.

Júlio Leandro

A Venda do Jornal no Centro do País

Uma vez mais me ponho em contacto convosco através do nosso Jornal. E é dele que hoje vou falar.

Em primeiro lugar começo por vos dizer que sai de quinze em quinze dias. E é distribuído, como sabeis, pelos nossos vendedores, estando eu também incluído; e pelo correio.

É um jornal muito desejado em todo o País e realmente digno do contacto com todos.

Desde eu, que sou o irmão mais velho, até ao «Saguinhas», o mais novito, todos gostamos de o apregoar e por vezes o nosso esforço não é compensado.

Ofereçemo-lo muitas vezes nas portas das Igrejas e eu vejo que a maioria das pessoas passa desperce-

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

MÃOS À OBRA — Ele é um homem fisicamente diminuído. Foi sempre assim. Por ganha-pão faz recados e outros trabalhos leves. Tem patrões, em dias e horas determinados. Um deles há muito lhe dá guarida numa dependência térrea, sem condições de sanidade...

Sempre que entrávamos em sua casa ou passávamos em frente, arrepiávamo-nos. Sempre! E lembrava o barraco de pedras soltas e tábuas do sr. Tomás Dias — no seio do Pai Eterno — que foi mola-real na arrancada do Património dos Pobres...

Entretanto, não sossegámos enquanto o homem dos recados não gozasse um quarto mais cómodo. Uma forma de orar, de violentar o Pai Celeste — para motivar os homens de boa vontade.

Um dia, porém, — não resistimos. Lançámos mãos à obra. Um vicentino foi em cata do proprietário que já supúnhamos não faria a obra.



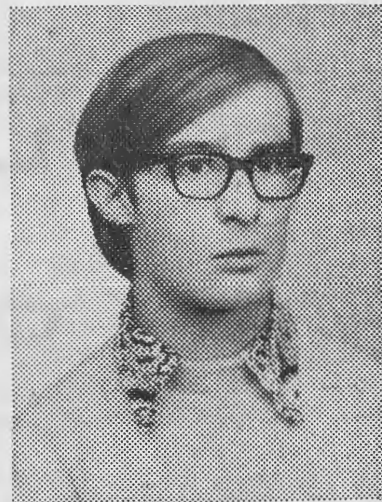
★ Setúbal

ELEIÇÕES — Nas eleições de 4 de Fevereiro de 1973, no lugar cimeiro de chefe da Comunidade (Casa e Lar) passou ao activo o Lopes. Como chefe e subchefe da Casa, respectivamente, o Analidio e o Manuel. Na chefia do Lar, o Mário (chefe) e o Domingos Barbosa (subchefe). Foram eles, os rapazes de 14 anos ou com a 4.ª classe, que o entenderam. Num sistema 100% democrático e por maioria de votos! Todos eles são novatos nestas andanças. Para todos, tal como na altura referi, vão as maiores felicidades nos seus mandatos e o meu incondicional apoio para tudo quanto estiver ao meu alcance no esclarecimento e resolução das dificuldades que surjam.

Mais um outro pormenor de chefia, intrinsecamente ligado àquele sobre que acabo de me debruçar. Uma chefia num outro grau, cujos actores foram chefes outrora nesta Comunidade. Refiro-me a dois casamentos. O primeiro, realizado a 4 de Janeiro, em que o Paulo (mais conhecido por «Freixedas») se uniu a Maria Leopoldina. O Paulo foi chefe desta Casa durante alguns anos. A 21 do mesmo mês foi a vez do Laurindo (o célebre «Caixa d'Óculos» da Editorial e de «O Gaiato», em Paço de Sousa). Com ele na vida passou a singrar lado a lado a Maria Olinda. O Laurindo foi chefe da

Casa e continua a sê-lo ainda da tipografia. Um casamento de algarra, todinho feito adentro de nossas portas. O do Paulo, meio dentro, meio fora. Este saiu do nosso convívio, mas a ele continua ligado pela sua condição de Gaiato. O Laurindo ainda é nosso. Por quanto tempo, só ele e a esposa o saberão dizer.

Eis-nos, pois, diante de dois traçados de vida paralelos e semelhantes.



Lopes — chefe da Comunidade (Lar e Casa).

tes! — Os chefes de hoje a preparam-se para a chefia da família e

Eu, actualmente, estou no 5.º ano liceal. E só vou a Casa nos fins de



Há anos que não descia à cidade com tanta demora. Eu chamo «descer à cidade» ir a Lisboa, não porque menos preze as outras cidades, mas porque não acho ainda nelas uma tão terrível presença da civilização urbana.

Não chegou nem a uma semana. Um curso, destes intensivos que há agora, tomava-me desde a manhã à tarde. O almoço era num bar ou num «self-service» que descobri ali perto, onde havia de ingressar na bicha, primeiro na rua, até que vagasse um lugarzinho para me sentar. Tudo apressado. Tudo estranho. Por um lado a igualdade simpática de quem se assenta ao lado de quem calha sem pruridos de classe. Mas tudo estranho! Nem bom-dia, nem boa-tarde. Cada qual serve-se e segue. E dá a sua vez a outros que aguardam na rua. E tudo apressado.

Muitos cabelos compridos. Muito trajar bizarro. Muito fumo, mais nelas do que neles. Uma simplicidade aparente, que não sei se o é, se sofisticação.

Continuação da página anterior

bida diante dele! Digo isto porque já tenho ido a algumas completamente cheias onde apenas vendo 2 ou 3 jornais!! Isto dá mesmo para desanimar. Mas o certo é que não desanimo.

Além das Igrejas o nosso Jornal é também vendido em casas particulares, comerciais, secretarias do Estado, em ruas, etc...

Cada vendedor arranhou os seus fregueses à sua livre vontade; não havia nem há zonas marcadas. Por isso, quando o grupo da venda aumenta, logo fica a organização desorganizada. Mas por vezes as pessoas não deixam de lhes comprar — para que não desanimem.

Em geral, todas as pessoas simpatisam muito connosco. E quando vamos a suas casas todos nos recebem com amizade e carinho. Estes dias para mim são considerados os dias dos miminhos...

Um abraço deste vosso amigo,

Manuel António

BENGUELA

UM PEDIDO — Começo por vos fazer um pedido, já feito várias vezes. Peço a todos os leitores que tenham selos usados, nacionais ou estrangeiros, e não precisam deles, que façam o favor de no-los enviar. Desde já agradeço a vossa atenção. Obrigado.

REGRESSO — Está entre nós o nosso Padre Manuel, após quatro meses na Metrópole, com umas férias forçadas, por motivos de doença. Chegou à sua Comunidade no dia 26 de Fevereiro.

Foram alguns rapazes esperá-lo ao aeroporto, e chegou a Casa, por volta das cinco horas.

Foi grande a alegria da malta quando viu a carrinha chegar. Todos a saltar: «Chegou o senhor Padre Manuel!».

Eu divertia-me, gozando-me a mim próprio, distante provinciano descido à cidade. Sufa dali tonto por um ambiente artificialmente arejado e iluminado.

Gaiolas! Douradas, mais ou menos..., mas gaiolas!

No meio da multidão sentia-me só; e ao mesmo tempo havia em mim um certo desejo de solidariedade. Na rua o torvelinho das gentes e dos carros. No Metro, a compressão das horas «de pontão».

Até fazia sol! Mas parecia que não iluminava, nem aquecia, nem purificava, como sucede no campo. Que lindo o campo!

A cidade cilindra. A História contará das causas e efeitos da civilização urbana.

Por mim prefiro a terra, as árvores, o cheiro dos currais, o som dos pássaros, o eco da Natureza. Até aquele rochedo imenso no Planalto Central de Angola, onde P.e Telmo e eu combinámos, uma vez, terminar os nossos dias.

Notava-se nele uma grande alegria. Alegria de quê? De voltar à sua Comunidade.

Desejamos ao senhor Padre Manuel, que tal crise não volte. Mas, para isso, é preciso a colaboração de toda a malta. Pelo menos parece que toda a malta está disposta a colaborar. Esperamos que sim.

FUTEBOL — Prestes a começar o torneio corporativo do Instituto do Trabalho. Naturalmente, vamos receber um convite para participarmos no torneio. E logo começam os protestos: que «a Casa do Gaiato não é nenhuma firma para entrar na competição...». Será que estas equipas dizem isso, por realmente não sermos nenhuma firma? Não. Não é por isso. É apenas com medo à equipa. Porque se entrássemos com uma equipa fraca e ganhássemos uns 7 ou 8 jogos, não havia protesto. No primeiro ano saímos em 6.º lugar. Nos anos seguintes, o caso mudou de figura. E começaram a ter medo. Vamos lá acabar com essa cobardia, porque os Gaiatos vão apenas animar a festa! Não tenham medo, sim? Para essas equipas um abraço cá do Zé, e boa sorte para o próximo campeonato.

Luís Pinheiro

CALVÁRIO

BELEZAS... O facto de repetirmos as belezas naturais deste recanto da Obra da Rua e ajudada pela mão do Homem, de dentro e de fora, levamos a escrever estes apontamentos por um facto que aqui ocorreu. E por outro...

Um dos recantos belos deste agregado é, sem dúvida, um lago aonde se tem procurado dar vida animal. Temos pois verificado o carinho que se tem posto ali. Têm sido lá colocados, gansos e patos brancos. Mas sempre com resultados nulos. Embora a água no Verão chegue quase a faltar, não é por isso que os bichos aquáticos desaparecem.

1800 LIVROS CORRESPONDENTES A 550 POSTAIS RSF!

Ninguém contava com tamanho êxito; ninguém! Estou a ver a satisfação de Pai Américo — se estivesse aqui a nosso lado, fisicamente...

Os 1800 livros pedidos, correspondentes a 550 postais R.S.F. recebidos — 15 dias antes da presente edição — fazem do «Viagens» verdadeiro «best-seller». Prova concreta de como entre os leitores do «Famoso» há muita gente que não fazia ideia nenhuma — ou quase nenhuma — do valor das obras que Pai Américo nos legou.

Agora, o primeiro aviso:

Todos quantos responderam ao postal RSF, ou irão responder, tenham um bocadinho de paciência. Aguardem a sua vez calmamente. Não podemos, nesta avalanche, servir tudo e todos ao mesmo tempo; muito menos na volta do correio! Ainda não acabámos as remessas do «Viagens» para os mais antigos assinantes da Editorial que, naturalmente, são dignos do primeiro lugar... E só depois satisfaremos os pedidos recebidos por intermédio dos postais RSF. Temos que nos governar só com a prata da casa: «Quim do Porto», «Campanera», «Gágá», «Eusébio» & Ca. Lda... Não atingimos ainda a perfeição das médias ou grandes editoriais... Paciência!

Já que estamos em maré de esclarecimentos, é oportuno lembrar que o livro «Porta Aberta» não chegará para as encomendas! E quem ficar em branco que nos perdoe. Nós mesmo ficamos surpresos pela extraordinária receptividade dos leitores do «Famoso». São muitos postais RSF a solicitar as 8 obras, não esgotadas, de Pai Américo!!

O caso vertente serve de nota do dia entre a malta ocupada no trabalho da Editorial. E o «bolinhas» passou à história... Agora, mal chega o correio, são uma data d'olhos fixos no maço de postais recebidos. «Deixa ver» — berra o «Campanera». Outros correm ao longo da sala e exclamam — «que grande maço!». São o «Gágá» & C.ª. Delícias da nossa vida!

Sabemos que das espécies lá postas, no lago, temos encontrado só restos d'algumas. Sinal de rapto e banquete d'outros animais!

Ainda há poucos dias foram lá postos um lindo casal de patos, que um vizinho nos deu, e umas rolas brancas para o aviário, que fica junto do lago. Passados poucos dias desapareceu um dos patos!

Nesse aproveitar, tínhamos (ainda restam) alguns peixes. A vingança do membro do aludido casal que ficou seria de razia fatal se não acudíssemos a tempo!...

Manuel Simões

AS NOSSAS EDIÇÕES

O livro «Viagens» em distribuição

As vossas respostas são fogo. Mas fogo que transcende a cartolina estereotipada. Quantas almas sedentas de Vida! Quantas delas inquietas!! Na sua linguagem própria se cada presença fosse espremida, seria um jorrar de Luz. Graças a Deus! A Ele e a mais ninguém.

• O LIVRO «VIAGENS» E OS SEUS LEITORES

O que para aqui vai de ressonâncias do «Viagens»! Dava para uma grande página do «Famoso»...

A primeira é de Torres Vedras:

«Recebi o maravilhoso livro «Viagens»... Só hoje venho agradecer este Maná! Sim, o «Viagens» é um autêntico Maná... para a nossa pobre alma.

Escusado será dizer que meus olhos já sorveram mais esta fonte cristalina.

Daqui por alguns meses, se Deus me der ainda vista, torno a sorvê-lo aos poucos. Porque é assim que eu leio e releio as leituras santas.

...Muitas lágrimas me têm corrido espontaneamente ao ler o «Famoso». Assim como já me tem feito rir com gosto pelas gaiatices por vezes tão interessantes.

Só de joelhos se pode agradecer tão precioso Maná que é o «Viagens». Com infinita gratidão...

Atenção à Lousã:

«Mais uma vez não se esqueceram de mim e me enviaram outro dos vossos preciosos livros!

Nem sei, nem tenho palavras para vos agradecer e dizer o quanto aprecio esta maravilhosa leitura.

Não posso dizer de que livro gostei mais. O «Viagens» é tão cheio de vida como os outros. E levou-me a conhecer melhor a vossa Obra.»

Esta presença é de Belazaima:

«Acabo de receber o «Viagens». Ainda só o comecei a ler, mas basta saber que é uma obra de Pai Américo para ter a certeza de que «vale a pena».

Ainda não possuo todos os livros da vossa Editorial, mas vou esperar mais uns tempos. É que agora, pelo nosso lado, é altura de grande aperto económico — porque andamos a construir uma casita...

Mais retalhos saborosos e frutuozos. Afai vai Porto:

Acuso o recebimento do «Viagens» que o nosso Padre Américo escreveu. Ainda o não li, mas o seu autor é garantia de boa prosa, daquela que tão avidamente se lê.

Será o meu companheiro na breve ida à Curia...

Agora, é Lisboa:

«Junto a quantia... para o precioso livro «Viagens» do querido Padre Américo, sempre vivo e presente no meu espírito. Vou lê-lo com todo o entusiasmo e emoção, pois o seu falar escrito cheira a coisas do Céu!»

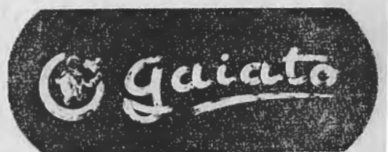
• EXCERTO DO «VIAGENS»

Como «deliciosa sobremesa» — segundo a nossa amiga Francisca, do Porto — aí vai mais um excerto do «Viagens», que anda na rua. É da ida ao Brasil (1949):

«Tinha uma cela reservada no Mosteiro de S. Bento (no Rio de Janeiro) e eram cinco da tarde quando ali cheguei. Os monges iam justamente, rezar vésperas na Festa solene do Coração de Jesus e eu comecei por elas. Não podia ser melhor hora, nem havê-la tão desejada! Eu peço desculpa aos meus leitores destas íntimas confidências, que aqui e além me escapam, mas eu tenho de dizer. Eu sinto fome e sede de dizer. Ainda que muito pese a indiferentes e descrentes, eu peço que se não molestem nem levem a mal, declarando deste sítio aonde me encontro, que quero ser por todo o tempo adorador fervoroso de um só Deus. A Festa do Coração de Jesus num mosteiro beneditino; foi Deus que me trouxe aqui para assistir a ela. Regdei-me. Cui-dei que vinha buscar donativos para a Obra da Rua e eis que se me depara esta fortuna imensa e inenarrável — trinta dias cheios como um ovo! Afei-to, como todos estamos em Portugal, a ver mosteiros profanados e agonizantes, encontro aqui um de traça portuguesa, a falar português e pujante de vida. Sinos, culto, claustro aonde os irmãos são inumados, refeitório, silêncio. Nada aqui é vulgar. As coisas insignificantes têm altura. Eu vivi, vivi, nestas e destas alturas.»

Júlio Mendes

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



A Habitação

Cont. da PRIMEIRA página

Carmos Velhos, Musgueiras, Casais Ventosos, Charnecas, constituem exemplos que nunca se tornarão demais trazer para as páginas dos jornais, num rebate de alerta para certas mentes parece que adormecidas.

Porém, abater barracas e construir em seu lugar blocos de vários andares com rendas de dois contos por três divisões exíguas e insalubres também não é veículo que possa conduzir à solução do problema.

Porque Damaias, Brandoas, Lavradores, Baixas da Banheira, e quantas localidades mais por esse país, aquém e além Tejo, têm casas em vez de barracas, mas em muitos dos seus cubículos de três assoalhadas comprimem-se duas ou três famílias, algumas delas senhoras de proles numerosas.

Pensamos nós: até ao dia em que a máxima, aparentemente tão comecinha, de a cada família a sua casa não for uma realidade nesta praia ocidental, aí teremos casos-tipo Ribeira das Lajes em gestação, perante os quais todos os tribunais ou vizinhos justiceiros se tornam inoperantes.»

(in «Diário do Alentejo»)

Se não soubéramos como é assim do andar por lá, bastava-nos o contingente de filhos incestuosos que habita em nossas Casas e o conhecimento sumário das suas existências.

«Barracas» em altura não é remédio que ponha ponto final à chaga das barracas em superfície, senão «para inglês ver»! Desde os nossos tempos de vicentino, primeiro no Porto, depois no Seminário dos Olivais, fomos testemunha do problema, evidente nos bairros de lata e camuflado nos prédios de andares, onde visitávamos Pobres nada menos pobres do que os primeiros. Aqui, se a higiene física poderia ser um nadinha melhorada, não assim a higiene moral, dada a promiscuidade inevitável numa

casa projectada para uma família, onde viviam várias, «algumas delas senhoras de proles numerosas».

Vinte e tal anos vão passados. Não digo que se não fez nada. Não deixo de dar graças a Deus porque haverá — creio — mais consciências alertadas. Mas penso que este assunto não sofre uma evolução proporcionada à gravidade do mal; nem se resolverá sem que a habitação deixe de ser um dos mais correntes «negócios da China», para ser tabeladina e conservada no preço, como acontece ao pão, em relação ao qual a poderíamos classificar de co-essencial.

É, pois, uma revolução de conceitos, o que está em causa. Que se ganhe dinheiro de outras formas, com outras mercadorias que não a habitação do Pobre e mesmo do que vive do seu restrito salário. Que se ganhe, sim, daqueles que têm duas e mais casas; ou dos que esbanjam fortunas a fazer e desfazer. Estão à luz do sol os primeiros. Decerto, são menos numerosos e conhecidos os segundos. Mas não condenemos a nossa juventude que sãdiamente aspira ao casamento, ao drama da procura de uma casa para seu lar; às vezes, ao desespero de a encontrar; à tragédia da única solução viável: a barraca, em superfície ou em altura, onde uma geração nascerá irremediavelmente comprometida quanto à sanidade do corpo e do espírito.

Também neste ponto, experimentamos bem o que dizemos. Vários são os Rapazes que nos deixam na roda do ano para constituir a sua Família. Quantas preocupações, quantos adiantamentos por via da casa — até ao remedeio de qualquer solução menos própria, ou ao sacrifício do morar à distância do trabalho — solução, por hora, ainda um nadinha mais económica de dinheiro à custa de um maior dispendio de esforço e de ausência do lar.

Folgamos, pois, que a inquietação se contagie e lavre. É ainda um campo de esperança de que o problema acabe por não ser.

O problema da habitação continua a ser a preocupação maior dos nossos tempos.

Sem casa condigna, não pode haver famílias onde a moral seja completa. Aqui neste lugar, como em tantos outros pelo País fora, há muitas casas, que só têm a cozinha e uma sala, com duas ou três camas, onde dormem pais e filhos, sem resguardo nenhum.

Já compuzemos algumas casas fazendo-lhes algumas divisões. Agora pedem-me ajuda para outra. A obra já se começou — mas vamos gastar à volta de 5.000\$00. Se todos os leitores do «Famoso» nos ajudarem, tiram-me esta preocupação depressa, pois custa-me imenso estar com dívidas. Mas se estivesse à espera de juntar o dinheiro, nunca mais começava a obra.

Temos também 5 Pobres da Conferência, com quem gastamos, além de roupas, 2.670\$ em géneros no ano de 72. Tudo isto sai do que nos fica das encomendas que nos fazem. Este ano, com tristeza o digo, foram tão poucas! Espero a compreensão de todos para os nossos problemas, que também são vossos, porque «todo o homem é nosso irmão».

Terras para onde foram os nossos trabalhos desde Julho até ao Natal: Porto, 50 casacos e uma dúzia de camisolas para uma Conferência de S. Vicente de Paulo. Aveiras de Cima, 1 colcha de algodão e gaze. Amarante, 10 pegas, uma manta de tiras e outra de viagem. Porto, 3 dúzias de pares de soquetes. Vila Nova de Gaia, 2 colchas em lã e algodão para cama de casal. Queluz, 4 jogos de sala de jantar trabalhados com juta e ouro. Lisboa, 1 par de soquetes e 6 pegas. Barreiro, uma manta de tiras e outra de lã. Penacova, 1 camisola e 2 chales. Lisboa, 3 camisolas, mais 6, 10 pares de soquetes e 6 pegas. Carpalhosa, 2 chales. Póvoa, 12 chales. Guimarães, 2 chales. Campo de Besteiros, 2 chales. Valbom, 3 dúzias de camisolas para o dispensário do Dr. Porfírio Andrade. Quem dera que muitos dispensários e creches se lembrassem desta Casa para agasalharem com as nossas encomendas os seus protegidos! Alcobaca, um chale de bico. Vila Chã, uma carpeta e 4 tapetes.



Chaves, 6 chales. Castelo Branco, 10 pares de soquetes. Porto, 2 pegas, uma camisola, 1 pano de sala de jantar e 2 pares

de soquetes. Algés, uma combinação de malha, 1 chale e 3 camisolas. Ermesinde, 1 jogo de sala de jantar. Porto, uma manta de viagem, 12 pegas e um chale. Lisboa, uma carpeta e 1 tapete. Liceu D. Filipa de Lencastre, de Lisboa, 10 chales para bebé. Mais Lisboa: D. Helena que nos visitou e levou várias peças no valor de 1.331\$. Além disto, já fez mais encomendas. É uma grande amiga da Obra. Que Deus a ajude, bem assim a todos que se lembram de nós, embora sem encomendas, mas com os seus donativos mensais.

Maria Augusta

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

sem compromisso irrevogável, que em princípio faremos Festa ano sim-ano não. E em princípio, também, revezar-nos-emos: quando for o norte a organizar, dará um salto às capitais das outras Casas do Gaiato; quando for outra das Casas, essa marcará presença no Porto, em nome de toda a Obra.

Temos de caminhar para esta ou semelhante solução,

que as exigências da formação escolar e profissional dos Rapazes, cada vez menos se compatibilizam com as pausas e sobre-esforço que as Festas implicam.

Mas deixemos «a cada dia, a sua malícia». Este ano haverá Festa e queremos que nada perturbe a comunicação, a alegria que em todos nós ela causa.

E, atenção, Amigos: Esta quinzena estaremos convosco:

Dia 20 — Cine-Teatro S. Martinho — PENAFIEL

Dia 22 — Coliseu — PORTO

Dia 27 — Cine-Teatro Caracas — OLIVEIRA DE AZEMEIS

Dia 28 — Teatro S. Pedro — ESPINHO

Dia 29 — Teatro Circo — BRAGA

Dia 31 — Cine-Teatro João Verde — MONÇÃO

Até lá!

RETALHOS DA VIDA

Júlio Leandro



Segundo a descrição do sr. Padre Acílio, eu teria vindo para a Casa do Gaiato de Setúbal apenas com uma camisa por cima, nada mais!

Meu pai morrera, quando eu tinha ainda só dois anos. Foi com essa idade que me acolheram nesta Casa. Uma das minhas tias falou com o sr. Padre Acílio e ele acedeu — perante a situação de minha Mãe com 7 filhos, sozinho, tendo que ganhar, sabe Deus com que sacrifício, para nós todos.

Vim para Setúbal com meu irmão. Aos 9 anos de idade, entrei na escola primária a sério, donde saí com 13 anos. Passei à Telescola, acabada de abrir. Veio mesmo a calhar. E aos 16 anos completei o Ciclo Preparatório.

Evidentemente, enquanto frequentava a escola primária e o 1.º ciclo, trabalhava em casa. Fez-me bem. Para lhes falar verdade, sei fazer todos os serviços domésticos.

Trabalhei no campo, de enxada nas mãos. E servi, também, em obras de construção civil, em nossa Casa. Transporte muitos baldes de massa!

Foi assim, caros leitores, que endureci. Pensei tirar o curso de Medicina. Mas a minha idade, em relação aos estudos, exigia que fizesse dois anos num: o 3.º e 4.º ano liceais. Consegui, graças a Deus! E, desta forma, imitei a facanha de meu irmão, cuja vida nesta Casa é idêntica.

Hoje estou já no 5.º ano liceal, no ensino externo, com 18 anos.

Eis a minha vida, contada num mínimo de palavras. Andava há muito com a ideia de escrever para «O Gaiato». Só agora a cabeça tomou uma decisão. Aí está um pouco da minha vida.

Júlio Leandro

Cont. da PRIMEIRA página

Contudo em suas horas boas, quantos sorrisos, quantos beijos, quanto carinho, quanta alegria! Porque ela nos quer muito, muito. Mesmo agora, que se está a finir, é com muito custo que nos libertamos dos seus beijos que quase nos abafam. É a sua maneira de dizer o quanto nos ama e lhe custa deixar-nos.

— Não me diga, Senhor Padre, que Tia Teresa nos vai deixar, não diga! Ela faz-nos tanta falta! — desabafava ontem



Página 4 17/3/73



à noite uma das Senhoras que a trata.

«FAZ-NOS TANTA FALTA». Afinal até nos dá tanto trabalho — um ser inútil condenado pela ciência, há nove anos abandonada pelos seus 4 filhos, escorregada pelo marido que a maltratava, desprezada por todos. E... «faz-nos tanta falta»!

Com ela vai um pouco de nós. Não é um alívio o que vai acontecer; é uma mutilação.

Sinal de contradição foi o CALVÁRIO, sinal de contradição é o «Calvário».

O que os homens rejeitaram por inútil e desprezível tinha ainda uma missão a cumprir. Missão que Deus lhe deu e o comum dos homens não entende. Só aqueles a quem é dado entender! Como ela a cumpre agora, mais que nunca, quando sofre sem se lhe poder valer!

Por isso, quando tratamos suas chagas, ajoelhamos e rezamos: Na Tia Teresa há Cristo em agonia.

Padre Abraão